

## A AQUISIÇÃO DE CLÍTICOS EM PORTUGUÊS EUROPEU L2 E A HIPÓTESE DE RECONFIGURAÇÃO DOS TRAÇOS

### EUROPEAN PORTUGUESE L2 CLITICS ACQUISITION AND THE FEATURE REASSEMBLY HYPOTHESIS

Ronan Pereira\*  
a57730@campus.fcsh.unl.pt

A Hipótese de Reconfiguração de Traços (HRT) sugere que as dificuldades na aquisição de uma língua segunda (L2) ocorrem quando os aprendentes têm de reconfigurar os traços existentes na sua língua materna para apresentarem a configuração que a L2 possui. Este estudo objetivou testá-la relativamente à aquisição dos padrões de colocação dos clíticos do português europeu (PE) L2 e à aceitabilidade de respostas verbais, seguindo Martins (1994), que correlaciona os dois fenómenos com os traços-V fortes do PE. Divididos em dois grupos de proficiência distintos, 21 falantes nativos de espanhol executaram duas tarefas: uma de completamento de frases e outra de julgamento de aceitabilidade de respostas verbais. Diferentemente da literatura na área, a preferência pela ênclise foi menor. Analisando-se os contextos de próclise, não houve homogeneidade na evolução dos padrões de colocação, com aqueles envolvendo a negação realizados em maiores taxas já em níveis de proficiência mais baixos. Uma evolução na aceitabilidade de respostas verbais com o aumento da proficiência pôde ser constatada no segundo teste. Contudo, a análise estatística não demonstrou correlação estatística entre os resultados das tarefas. Concluiu-se que há indícios de validade da HRT, mas investigações futuras devem ser conduzidas para comprovar a natureza dessa reconfiguração.

**Palavras-chave:** Aquisição de língua segunda. Pronomes clíticos. Português europeu. Hipótese da Reconfiguração dos Traços (HRT).

The Feature Reassembly Hypothesis (FRH) suggests that the difficulties in second language (L2) acquisition happen when the learners have to reassemble the features present in their native language in order to present the L2's configuration. This study aimed to test the FRH regarding the acquisition of clitics pattern in European Portuguese (EP) L2 and the acceptability of verbal responses, following Martins (1994), who correlates both phenomena with EP's strong V-features. Divided into two different proficiency groups, 21 native speakers of Spanish executed two tasks: one of sentences completion and an acceptability judgment task of verbal responses. Differently to what has happened in other studies, preference for enclisis was lower. The analysis by proclitic context showed that the development of the placement patterns is not homogeneous, with negative contexts being produced in higher rates even at lower levels of proficiency. An evolution in the acceptance of verbal responses could be detected by the second task. Nevertheless, the statistical analysis did not show statistical correlation between results of the tasks. The conclusion is that there are signs that the FRH might be valid, but future research must be conducted in order to assess the nature of this reassembly.

---

\* Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), Portugal. ORCID: 0000-0003-2675-6378.

**Keywords:** Second language acquisition. Clitic pronouns. European Portuguese. Feature Reassembly Hypothesis (FRH).

•

## 1. Introdução

Há duas questões particularmente importantes na área de estudos de aquisição de língua segunda (L2). A primeira refere-se à influência que a língua materna (L1) dos aprendentes pode exercer sobre o processo de aquisição da L2. A segunda refere-se à trajetória pela qual o aprendente passa ao adquirir o novo idioma: ela pode ser igual ou não ao processo de desenvolvimento dos adquirentes desse idioma como L1.

Lardiere (2009) propõe que, num primeiro momento, o aprendente identifica formas da sua L1 e estabelece uma correspondência direta com formas da L2. Havendo falha nesse processo (ao identificar traços que não são equivalentes diretos), haverá uma reorganização interna deles, seja por reagrupamento de traços funcionais, seja por aquisição de novos traços, ou seja por abandono de traços previamente existentes e que não se aplicam à L2, havendo graus de dificuldade diferentes associados a cada uma destas alternativas. Tal hipótese foi denominada Hipótese da Reconfiguração de Traços (HRT).

Assim, este estudo propôs-se a testar a HRT no âmbito da aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em português europeu (PE) por falantes nativos de espanhol em dois níveis diferentes de proficiência, baseando-se em uma tarefa de completamento de frases, além de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade. De modo a dar-lhe fundamentação teórica, as próximas secções ocupam-se em abordar os temas pertinentes a este estudo. A Secção 2 versa sobre os clíticos em português e em espanhol e sobre uma teoria sintática que pretendeu explicar a diferença na colocação dos clíticos nesses idiomas, além de trazer os resultados de alguns estudos de aquisição de clíticos do PE. A Secção 3 foca-se na HRT, com os seus pressupostos e exemplos de alguns estudos prévios que a testaram. A Secção 4 apresenta as questões de investigação e hipóteses deste estudo, enquanto a Secção 5 detalha a metodologia utilizada e a Secção 6 os resultados. Por fim, a Secção 7 discute os resultados e as suas conclusões.

## 2. Pronomes clíticos

### 2.1. Padrão de colocação dos clíticos

Os pronomes pessoais clíticos no PE e no espanhol variam em pessoa e número, além de género e caso (no caso dos pronomes acusativos de 3ª pessoa), e assumem as seguintes formas que se apresentam na Tabela 1:

**Tabela 1: pronomes clíticos no PE e no espanhol.**

Pessoa/Número	PE	Espanhol
1ª/singular	Me	Me

2 <sup>a</sup> /singular	Te	Te
3 <sup>a</sup> /singular	O/A/Se/Lhe	Lo/La/Se/Le
1 <sup>a</sup> /plural	Nos	Nos
2 <sup>a</sup> /plural	Vos	Os
3 <sup>a</sup> /plural	Os/As/Se/Lhes	Los/Las/Se/Les

Fonte: Martins (2013), Soriano (2015).

Apesar da semelhança morfológica, quando se analisam os padrões de colocação dos clíticos nessas línguas, vê-se que funcionam de maneira diferente. O espanhol admite a colocação do clítico antes (próclise) ou depois (ênclise) do verbo, fenómeno sujeito à finitude do verbo. Em frases finitas (Exemplo 1) ou no imperativo negativo (Exemplo 2), a única opção de colocação é a próclise; a ênclise ocorre quando o verbo se encontra no infinitivo (Exemplo 3), gerúndio (Exemplo 4) ou no imperativo afirmativo (Exemplo 5) (Soriano 2015):

- (1) **Les** enseñé el dibujo a los niños.
- (2) No **le** des importancia a esas cosas.
- (3) Conviene hacer**lo**.
- (4) Ayudá**ndola** tanto no vas a lograr nada.
- (5) Ayúden**la** ustedes también.

No português, ambas as posições são possíveis, além da mesóclise<sup>1</sup>, com o clítico no interior da forma verbal, mas a colocação dá-se de acordo com diferentes contextos sintáticos. A colocação padrão é enclítica (Duarte 2003, p. 852), ocorrendo em frases simples (ou em orações principais de frases complexas e em orações coordenadas aditivas ou adversativas<sup>2</sup>), exemplificada no Exemplo 6<sup>3</sup>:

- (6) A Cíntia viu-**te** ontem no centro.

Os contextos para a ocorrência da próclise no PE estão associados “aos processos gramaticais da *negação*, da *quantificação*, da *focalização* e da *ênfase*, tomados singularmente ou não” (Martins 2013, p. 2239, grifos da autora). O traço negativo da frase pode ser assegurado pela presença das seguintes palavras em posição pré-verbal: *nem*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nenhum* e *nada*:

<sup>1</sup> Sintaticamente, a mesóclise ocorre nos mesmos contextos que a ênclise, mas com verbos conjugados no futuro do indicativo ou no condicional. Há evidências de que, presentemente, a mesóclise é uma estrutura de aquisição no âmbito do ensino formal, visto que perífrases ou tempos verbais alternativos são utilizados para exprimir o futuro do indicativo e o condicional (Santos 2002).

<sup>2</sup> Além disso, o padrão é a ênclise ainda que as frases sejam declarativas, imperativas, exclamativas ou interrogativas totais.

<sup>3</sup> Os exemplos utilizados nesta secção provêm do teste utilizado neste estudo, salvo menção contrária.

- (7) O Alberto não **me** viu na estação do metro.
- (8) Ninguém **me** ouviu durante a apresentação.

Outras classes de palavras que, quando em posição pré-verbal, estimulam a próclise são os quantificadores (Exemplo 9) e os advérbios (Exemplo 10), ainda que nem todos causem a ocorrência da próclise:

- (9) Todos **me** viram na televisão.
- (10) O Gustavo já **te** ensinou a fórmula de Bhaskara.

Ao serem analisadas as orações subordinadas finitas, normativamente preconiza-se o uso da próclise (Martins 2013, pp. 2267–2270)<sup>4</sup>:

- (11) O Lucas estava feliz porque **te** viu ontem.
- (12) Acho que **me** cortei com o papel.
- (13) Queremos que a Paula **se** sinta melhor.

Os contextos mencionados até aqui foram aqueles considerados no teste descrito na Secção 5. No entanto, a descrição apresentada não é exaustiva. Mais exemplos dos contextos abordados, além dos demais, podem ser encontrados em Martins (2013, 2016).

## 2.2. A categoria $\Sigma$

Para explicar o padrão de colocação dos pronomes clíticos, Martins (1994) elaborou uma teoria relacionada à categoria funcional  $\Sigma$  (Laka 1990). Tal categoria está intimamente relacionada a valores de polaridade da frase (afirmação, negação, modalidade) e, no português, contém traços-V fortes. Logo, o verbo, que se desloca inicialmente da sua posição de base para uma posição funcional mais baixa com o clítico em adjunção à sua esquerda, movimenta-se para  $\Sigma$ , a qual está numa posição entre Comp e AgrS. O resultado visível é um verbo com o clítico à sua direita, ou seja, em ênclise e com o sujeito na posição de especificador de  $\Sigma$ , como se pode ver pelo Exemplo 14 retirado de Martins (2002, p. 357):

- (14)
- a. O António viu-**o** ontem.
- b. [<sub>SP</sub> O António]<sub>j</sub> [<sub>Σ</sub> [<sub>Σ</sub> viu<sub>i</sub>  $\Sigma$  [<sub>AgrSP</sub>  $t_j$  [<sub>AgrS</sub> [<sub>AgrS</sub> **o** [<sub>AgrS</sub>  $t_i$  ...

<sup>4</sup> No entanto, há casos de ênclise em orações subordinadas, especialmente quando o verbo da oração está no indicativo.

Quanto à próclise em frases negativas, a ideia trazida por Martins (1994, 2002) é de que o marcador de negação predicativa ocupa a categoria  $\Sigma$ , impedindo a subida do verbo para tal posição (ou seja, mantendo-o em AgrS), resultando visivelmente a próclise:

(15)

a. O António não **o** viu ontem.

b. [ $\Sigma$ P O António]<sub>i</sub> [ $\Sigma'$  [ $\Sigma$  não  $\Sigma$  [ $\text{AgrSP}$  t<sub>j</sub> [ $\text{AgrS}'$  [ $\text{AgrS}$  **o** [ $\text{AgrS}$  viu ...

Em orações subordinadas, a próclise é, teoricamente, a única forma possível. Nesse tipo de orações,  $\Sigma$  se funde com a categoria C gerando o núcleo complexo [ $\text{C}$   $\Sigma$  C]:

(16)

a. O José disse que o António **o** viu ontem.

b. ...  $\text{C}'$ [ $\text{C}$   $\Sigma$  i [ $\text{C}$  que] [ $\Sigma'$  [ $\Sigma$  t<sub>i</sub> [ $\text{AgrSP}$  o António [ $\text{AgrS}'$  [ $\text{AgrS}$  **o** [ $\text{AgrS}$  viu ...

Por fim, a autora menciona que o português possibilita a instanciação de  $\Sigma$  como F(oco), ocupada por “[s]intagmas-qu, sintagmas focalizados, quantificadores (afirmativos e negativos) e certos advérbios, quando ocorrem na periferia esquerda da frase” (Martins 2002, p. 358), e que, ao contrário de  $\Sigma$ , não contém traços-V. Assim sendo, ao ser projetada, não proporciona a subida do verbo, tal como no caso das frases negativas e das orações subordinadas, obtendo-se, portanto, a próclise, como se mostra no seguinte exemplo de Martins (2002, p. 358):

(17)

a. Quem **lhe** deu o tiro?

b. [ $\text{FP}$  Quem [ $\text{F}'$  F [ $\text{AgrSP}$  [ $\text{AgrS}'$  [ $\text{AgrS}$  lhe [ $\text{AgrS}$  deu ...

Martins (1994), além disso, relaciona o traço-V do português com a possibilidade de resposta verbal a interrogativas totais (Exemplo 18):

(18)

a. Viste a Marisa ontem?

b. Vi.<sup>5</sup>

Isto explicar-se-ia novamente pelo facto de que  $\Sigma$  possui traços-V fortes. Dada a necessidade de o seu núcleo estar preenchido por conteúdo visível, o verbo é atraído a essa categoria durante uma frase-resposta mínima afirmativa, o que não ocorre em línguas cujo  $\Sigma$  possui traços-V fracos, como o espanhol:

<sup>5</sup> Exemplo de Martins (1994, p. 201).

(19)

a. Viste a Marisa ayer?

b. \*VÍ.

c. Sí, la ví.

Nestas, por não haver movimento do verbo de AgrS para  $\Sigma$ , o seu núcleo  $\Sigma$  é preenchido por uma palavra afirmativa (Exemplo 19c) (Martins 2002, p. 356). Assim, no espanhol, não existiria movimento do verbo em frases finitas para essa categoria, sendo, portanto, a próclise o resultado visível (Martins 2002, p. 357):

(20)

a. Antonio **lo** vio ayer.b. [ $\Sigma$ P Antonio]<sub>i</sub> [ $\Sigma$ :  $\Sigma$  [ $\Sigma$ SP t<sub>j</sub> [ $\Sigma$  AgrS' [ $\Sigma$  AgrS **lo** [ $\Sigma$  AgrS vio ...

### 2.3. Estudos prévios em aquisição de clíticos

Costa, Fiéis e Lobo (2015) estudaram sistematicamente a aquisição do padrão de colocação dos pronomes clíticos por crianças nativas de PE. Os autores realizaram uma tarefa de produção induzida do clítico reflexo *se*, pela sua menor taxa de omissão nas faixas etárias estudadas (Costa & Lobo 2007, 2009), com crianças de 5, 6 e 7 anos de idade.

Os resultados demonstraram que as crianças (e tampouco os adultos do grupo de controlo) não têm problemas em produzir a ênclise nos contextos que a exigem: houve somente uma ocorrência de próclise no grupo de 5 anos de idade. No entanto, encontraram outras alternativas de resposta. Por exemplo, no grupo de 5 anos a taxa de ênclise rondou os 69%, muito por encontrarem outras formas de responder às questões (25%), casos de omissão (5%) e um caso de redobro do clítico (0,4%).

Por outro lado, as taxas de produção de próclise nos contextos devidos foram expressivamente mais baixas (36% no grupo de 5 anos, 53,8% no grupo de 6 anos e 57,2% no grupo de 7 anos, taxas muito inferiores às do grupo de controlo: 88,8%). Analisando cada contexto proclítico individualmente, puderam notar que alguns contextos eram estabilizados primeiro, nomeadamente aqueles mais categóricos no *input*: frases negativas e com sujeitos negativos, além de orações completivas finitas. Costa *et al.* (2015) mencionam que traços como a negação são adquiridos cedo no processo de desenvolvimento, o que levaria à estabilização precoce dos contextos relacionados à negação – a criança tem de relacionar, portanto, a negação com a próclise. No caso da subordinação, a tarefa da criança é saber que todas as orações subordinadas induzem a próclise (*cf.* Martins 2013)

Nos outros contextos, a tarefa é mais pontual. Com advérbios, a tarefa é estabelecer quais induzem a próclise e quais não a induzem. O mesmo ocorre com as adverbiais finitas, visto que “na subordinação adverbial encontramos uma multiplicidade de conectores que podem funcionar como marcadores de um domínio de subordinação”

(Costa, Fiéis & Lobo 2016), mas os mesmos podem funcionar em contextos de coordenação, nos quais a ênclise deve ocorrer. Por fim, há quantificadores que categoricamente induzem a próclise e outros que possibilitam a alternância entre as duas formas. Desta forma, a tarefa é estabelecer quais são utilizados em cada contexto (o que envolve conhecimento lexical).

Note-se que, como as crianças, os adultos são mais propensos a produzir a próclise em contextos de negação e com subordinadas no conjuntivo (e um pouco menos com advérbios pré-verbais, mais ainda assim acima de 93%). Com orações adverbiais finitas e com quantificadores, contudo, chegam a 70,8% neste e a 77,6% naquele. Assim, as crianças adquirem mais tardiamente contextos “em que há uma maior dependência de conhecimento lexical” (Costa *et al.* 2016), os quais são justamente aqueles em que os adultos apresentam maior variação, expondo-as a um *input* muito variável.

No âmbito da aquisição de L2, Madeira, Crispim e Xavier (2006) realizaram uma tarefa de produção induzida aliada a um teste de julgamento de aceitabilidade com falantes de diferentes L1, os quais foram organizados em quatro subgrupos consoante a L1 (românica e germânica/urálica) e o tempo de aprendizagem do português (inferior a um ano e de um ano a dois anos). Os resultados mostraram uma tendência de aquisição iniciada por contextos de negativas e interrogativas-qu no teste de produção induzida. Já o teste de julgamento de aceitabilidade mostrou que os falantes do grupo de línguas românicas distinguem os contextos de ênclise e próclise mesmo no nível mais baixo de proficiência. Tal tendência não é observada pelos falantes de línguas não românicas. As autoras sugerem a existência de efeitos de influência da L1 a partir dos resultados obtidos, nomeadamente no ritmo de aquisição dos padrões de colocação.

Madeira e Xavier (2009) analisaram um *corpus* escrito produzido por dois diferentes grupos de L1: línguas românicas e línguas germânicas. Além disso, os grupos foram subdivididos em três níveis de proficiência: elementar, intermédio e avançado. Os resultados mostraram que, em ambos os grupos, a ênclise ocorre nos contextos em que deveria já nos estádios mais precoces. No entanto, é a forma preferida pelos falantes de nível elementar nos contextos em que a próclise deveria ocorrer (à exceção de frases negativas, em que a preferência pela próclise já ocorre), diminuindo à medida em que o nível de proficiência aumenta.

No mesmo estudo, as autoras aplicaram um teste de julgamento de gramaticalidade. Tendo de avaliar frases com diferentes contextos de colocação dos clíticos, observou-se que os participantes e o grupo de controlo foram mais precisos em contextos de ênclise em geral, e menos precisos em contextos de próclise (principalmente os que envolviam quantificadores pré-verbais e orações subordinadas finitas). Os testes estatísticos indicaram diferenças significativas entre a performance do grupo de controlo e os dois grupos experimentais em estudo, mas não entre os dois grupos experimentais.

Gu (2019) também se prestou a analisar a colocação dos clíticos em PE L2. No entanto, a amostra continha dois grupos compostos apenas por falantes chineses que realizaram uma tarefa de produção induzida, tendo os participantes sido divididos entre aqueles com dois ou menos anos de aprendizagem e aqueles com mais de dois anos. Os dados de produção demonstraram efeitos de desenvolvimento, constatando-se que a aquisição dos contextos de ênclise se deu mais facilmente do que a dos contextos de

próclise, havendo inclusive um processo gradual de aquisição desses contextos: negação > advérbio pré-verbal *também* > orações subordinadas adverbiais introduzida por *porque* > sujeito quantificado *todos*. Assim, de acordo com os estudos aqui apresentados, vê-se que os contextos de próclise parecem ser mais difíceis de serem adquiridos, havendo uma trajetória de desenvolvimento similar àquela descrita previamente para o PE L1.

### 3. A hipótese de reconfiguração dos traços

A extensa literatura sobre a aquisição de L2 mostra que diferentes formas de conhecimento da L1 podem ser transferidas para a L2. Lardiere (2009) considera que as dificuldades observadas na aquisição da L2 se dão pelo facto de que os aprendentes têm de reconfigurar os traços existentes na sua L1 de modo que passem a apresentar a configuração que a L2 possui. Tal visão assume que, embora todos os traços estejam disponíveis na Gramática Universal (GU), cada idioma seleciona traços específicos e os organiza de modos distintos, resultando em representações lexicais diferentes. Durante o processo de aquisição de uma L2, ocorre inicialmente uma correlação direta entre formas da L1 e da L2. Em seguida, o aprendente deve reorganizar os traços a fim de os estruturar da forma como são representados na L2, além de, eventualmente, ter de abandonar traços que estão presentes na L2 e não estão na L1 ou importar da GU traços que não estão presentes na L1, mas que estão na L2 (Lardiere 2009).

Logo, de acordo com tal proposta, o processo de aquisição ocorre em dois momentos. No primeiro, chamado *mapeamento*, o aprendente tenta criar relações entre os traços presentes na sua L1 com as realizações lexicais da L2. Ou seja, ele tenta encontrar “correspondências morfolexicais na L2 [...], presumivelmente baseado no significado semântico ou na função gramatical”<sup>6</sup> (Lardiere 2009). Esse processo pode, então, ser visto como uma tentativa inicial de estabelecer relações diretas entre as formas presentes na sua L1 e as formas da L2. No caso de este primeiro processo apresentar falhas, o aprendente deve passar à segunda etapa, chamada *reconfiguração*, a qual pode requerer diferentes tipos de operações, cada uma com o seu grau de dificuldade. É durante este estágio que o aprendente reorganizará os traços presentes na sua L1 para apresentar a configuração da L2 em questão. Além disso, poderá ser necessária a importação de traços da GU ou o abandono deles. Tal hipótese baseia-se, portanto, no pressuposto de que todos os traços podem ser eventualmente adquiridos a partir do momento em que o contraste é detetado na L2 (Lardiere 2009; Shimanskaya 2015).

Um exemplo de estudo que testou a HRT e que também lidou com a questão de aquisição de pronomes clíticos foi o de Shimanskaya e Slabakova (2015). As autoras basearam-se no facto de que os pronomes objeto em francês e inglês possuem traços semânticos e morfossintáticos distintos. Por exemplo, o francês possui clíticos, enquanto o inglês possui pronomes fortes na posição de objeto direto (a sua colocação em relação ao verbo também difere) e os pronomes objeto em inglês trazem o traço [ $\pm$ humano], enquanto os pronomes objeto do francês não fazem esta distinção. Além disso, os pronomes com traço [+humano] possuem morfologia específica de acordo com o género

---

<sup>6</sup> Do original: “morpholexical correspondences in the L2 [...], presumably on the basis of semantic meaning or grammatical function.”



biológico dos antecedentes; já os pronomes objeto do francês diferem em forma de acordo com o género gramatical do antecedente a que se referem.

Assim, aprendentes de francês L2 de três níveis distintos (iniciados, intermédios e avançados) e que tinham o inglês como língua materna passaram por dois testes: um de seleção de imagens e outros em que tinham de efetuar uma leitura automonitorizada. No primeiro, observou-se que os falantes de níveis mais baixos cometeram mais erros relativamente ao género gramatical, traço ausente na sua L1, o que vai ao encontro dos pressupostos da HRT, mais especificamente do primeiro estágio, o mapeamento. Os aprendentes de níveis iniciado e intermédio cometeram mais erros quando os pronomes se referiam a objetos inanimados; quando se referiam a humanos, houve interferência do género biológico (presente na L1) na interpretação off-line dos pronomes do francês pelos aprendentes (Shimanskaya & Slabakova 2015).

O mesmo não se observou no grupo de falantes de nível avançado (que teve performance similar à do grupo de controlo), o que indica que a reconfiguração de traços morfossintáticos é possível, visto que o género gramatical passou a fazer parte da gramática dos aprendentes, ainda que tal traço não exista na sua L1. Esse resultado é parecido ao obtido pela segunda tarefa. Nela, o grupo de falantes avançados tiveram resultados que apontam para a sua sensibilidade a violações de género gramatical durante a leitura. No entanto, tal sensibilidade ocorreu somente nos casos em que a violação ocorria com palavras relacionadas a humanos. As autoras discutem que a presença dos traços morfossintáticos da L1 são, portanto, detetáveis durante o processamento on-line da linguagem até mesmo em níveis mais altos de proficiência, diferentemente do que ocorre com o processamento off-line. As autoras finalizam concluindo que é possível considerar que adquirir uma representação e utilizá-la automaticamente on-line são dois processos que não ocorrem simultaneamente, havendo um atraso deste em relação àquele (Shimanskaya & Slabakova 2015).

#### 4. Questões de investigação e hipóteses

Levando-se em conta os pressupostos da HRT, bem como a análise proposta por Martins (1994) acerca da categoria  $\Sigma$ , estabeleceram-se as seguintes questões de investigação:

*Questão 1:* Os aprendentes de português L2 nativos de espanhol transferem os traços funcionais relevantes para a colocação dos clíticos nos estádios iniciais de aquisição?

*Questão 2:* Os aprendentes de português L2 nativos de espanhol em estádios mais avançados de aquisição são capazes de reconfigurar os traços envolvidos no processo de colocação dos clíticos?

*Questão 3:* Existe uma sequência de desenvolvimento para os contextos de próclise considerados no estudo?

A partir das questões acima, estipularam-se as seguintes hipóteses:

*Hipótese 1:* Espera-se que os falantes nativos de espanhol do grupo de proficiência mais baixo apresentem taxas de respostas alvo em proporção mais baixas que as dos de proficiência mais alta e do grupo de controlo em contexto de ênclise;

*Hipótese 2:* Espera-se que os falantes nativos de espanhol do grupo de proficiência mais alto apresentem taxas de respostas alvo mais próximas às dos nativos do que o grupo de proficiência mais baixo (em consequência da aquisição dos traços-V fortes da categoria  $\Sigma$ );

*Hipótese 3:* Espera-se que uma maior produção alvo de colocação no contexto de ênclise esteja associada à aceitação de respostas-verbais, visto que Martins (1994) atribui a possibilidade deste tipo de respostas no português àquela categoria e aos seus traços-V fortes.

*Hipótese 4:* Espera-se que os contextos relacionados com a negação sejam adquiridos primeiro, visto que é um traço adquirido precocemente (Costa *et al.* 2015) e disponível na gramática do nativo de espanhol, enquanto os contextos mais dependentes de conhecimento lexical sejam adquiridos mais tardiamente.

A metodologia utilizada será descrita a seguir.

## 5. Metodologia

### 5.1. Amostra

No total, 21 nativos de espanhol<sup>7</sup> participaram no estudo. Eles dominavam em diferentes níveis o português como língua estrangeira e habitavam em Lisboa ou viajavam frequentemente a essa cidade nos 12 meses antes da sua participação. Além deles, 30 nativos de português europeu serviram de grupo de controlo.

Todos os nativos de espanhol realizaram o mesmo procedimento, o qual incluía a assinatura de um termo de consentimento, o preenchimento de um questionário sociolinguístico e demográfico (ambos redigidos em espanhol), a realização de dois testes (preenchimento de frases e juízo de aceitabilidade) e, por fim, uma gravação de um curto monólogo em que falavam sobre três imagens, descrevendo-as ou contando uma anedota, por exemplo. Essa gravação teve como finalidade aferir o nível de proficiência dos falantes. As gravações foram ouvidas por duas falantes nativas<sup>8</sup> do PE e que nunca viveram noutro país, as quais julgaram de 0 a 10 as gravações de acordo com critérios como a pronúncia, a adequação das estruturas, a fluência e a adequação do vocabulário, sendo o valor 0 equivalente a “não nativo” e o valor 10 equivalente a “nativo”. Os critérios eram avaliados ao mesmo tempo por meio duma ficha de respostas. No entanto, as falantes podiam repetir os áudios se assim quisessem. Dentre as gravações havia, também, três amostras de áudio de falantes nativos. Contudo, tal informação não lhes foi fornecida.

---

<sup>7</sup> Note-se que, apesar de todos os falantes serem nativos de espanhol, são nativos de variedades nacionais distintas desse idioma; contudo, não há evidências de diferenças relativamente ao padrão de colocação dos clíticos nas diferentes variedades do espanhol faladas pelos participantes (*cf.* Soriano 2015).

<sup>8</sup> Uma com 20 anos de idade, estudante universitária, e outra com 44, licenciada. Ambas indicaram terem aprendido inglês e francês e eram naturais do concelho de Ponta Delgada (Açores).

Dos valores atribuídos pelas duas nativas realizou-se uma média aritmética, com exceção do valor da categoria “pronúncia.” Os sujeitos foram, então, agrupados de acordo com a classificação obtida após a aferição, resultando em dois grupos de proficiência denominados Baixo (M = 3,01, DP = 0,53) e Alto (M = 5,12, DP = 0,90). A Tabela 2 sintetiza os dados obtidos por meio do questionário sociolinguístico:

**Tabela 2: Perfil sociolinguístico dos nativos de espanhol divididos por nível.**

<b>Grupo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Alto</b>
	Média = 33;4	Média = 36;11
Idade	Intervalo = 24 – 57	Intervalo = 27 – 50
	Masculino = 7	Masculino = 3
Género	Feminino = 4	Feminino = 7
		Catalão = 1
Outra L1 <sup>9</sup>		Quíchua = 1
	Inglês = 2	Nenhuma = 4
	Inglês e Italiano = 2	Francês = 1
L2	Inglês e Francês = 6	Inglês = 3
	Inglês, Francês e Chinês = 1	Inglês, Alemão e Catalão = 1
	Licenciatura = 6	Licenciatura = 4
Escolaridade	Pós-Graduação = 5	Pós-Graduação = 6
		Costa Rica = 1
	Cuba = 1	Cuba = 1
País de Origem	Espanha = 10	Espanha = 6
		México = 1
		Peru = 1
Idade de Início do	Média = 32:3	Média = 26:11
Contacto	Intervalo = 22 – 54	Intervalo = 22 – 34
	Média = 2:1	Média = 8:8
Tempo de		
Contacto (Anos)	Intervalo = 9 meses – 5 anos	Intervalo = 3 meses – 24 anos
	Média = 7 horas e 16 minutos	Média = 6 horas e 6 minutos
Uso Diário	Intervalo = 30 minutos – 24 horas	Intervalo = 2 horas – 24 horas
(Horas)		
	Íntimo = 1	Cotidiano = 2
	Cotidiano = 2	Profissional = 2
Situações	Profissional = 3	Cotidiano e Íntimo = 1
	Profissional e Íntimo = 1	Profissional, Íntimo e Cotidiano = 3
	Profissional e Cotidiano = 3	Escolar, Profissional e Cotidiano = 1
	Profissional, Íntimo e Cotidiano = 1	

O grupo de controlo realizou as mesmas tarefas que os falantes de espanhol e sob as mesmas condições. Contudo, não realizaram o teste de aferição de nível e o seu termo de consentimento e o questionário sociolinguístico foram redigidos em português. Os testes realizados são descritos a seguir.

<sup>9</sup> Note-se que o catalão possui clíticos e o seu padrão de colocação é similar ao do espanhol (Martins 2002, p. 356); já o quíchua não possui clíticos pronominais (Klee 1990). Uma análise individual dos resultados desses participantes não mostrou diferenças entre os seus resultados e os dos demais participantes do seu grupo.

## 5.2. Teste de completamento de frases

Os testes foram aplicados individualmente ou em grupo, de forma digital com o apoio de um impresso. No ecrã do computador, alternadamente, em forma de diapositivos, foram exibidos os itens de teste e os distratores aleatorizados. Cada item era constituído por uma frase incompleta em português, sendo que a parte em falta correspondia a um verbo e a um clítico. Quanto aos distratores, a parte em falta correspondia a um verbo e a um advérbio. Os sujeitos da pesquisa foram instruídos a ler a frase incompleta no ecrã e, dentre as duas opções existentes no impresso, escolher a que julgassem a mais adequada. As opções eram mostradas sempre em par, apresentando a ordem “verbo-clítico” e “clítico-verbo” ou “verbo-advérbio” e “advérbio-verbo” para os itens de teste (Figuras 1 e 2) e para os distratores (Figura 3), respetivamente. A apresentação de cada frase no ecrã teve um limite de tempo de sete segundos, de modo que se minimizasse o acesso ao conhecimento metalinguístico que os participantes pudessem ter. Os 40 itens de teste, os quais apresentavam diferentes contextos que exigiam ou o uso da ênclise, ou o uso da próclise, estavam distribuídos da seguinte forma: 12 itens de ênclise em orações simples (*cf.* Figura 1); 4 itens de próclise com negação (*cf.* Figura 2); 4 itens de próclise com sujeito negativo *ninguém*; 4 itens com sujeito quantificado *todos*; 4 itens com o advérbio pré-verbal *já*; 4 itens de próclise com orações subordinadas finitas do verbo *achar*; 4 itens de próclise com orações subordinadas finitas do verbo *querer*; e 4 itens de próclise com orações subordinadas adverbiais com *porque*. Quanto aos distratores, houve três para cada quatro itens de teste.

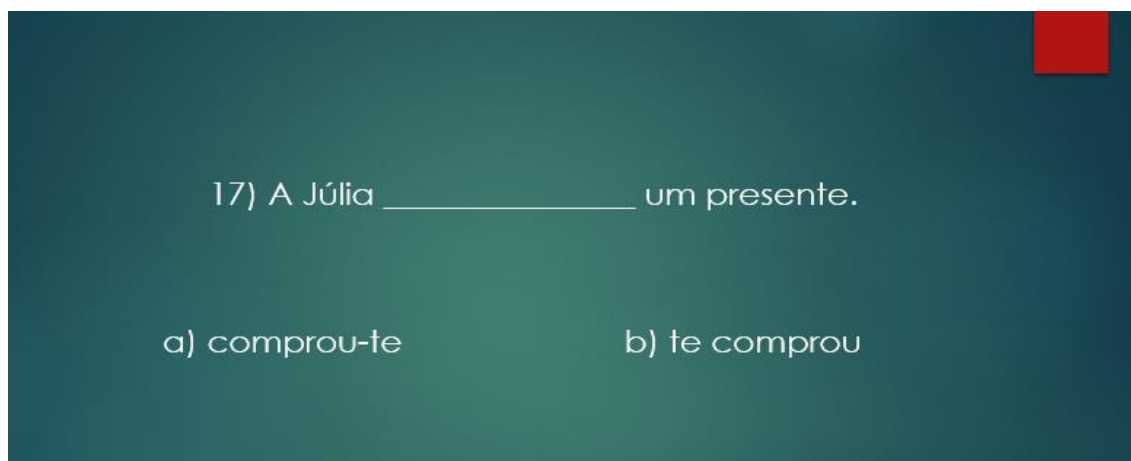


Figura 1. Exemplo de item de teste (contexto de ênclise).



	Inapropriada ←	②	③	→ Apropriada
1) – Viste a Marisa ontem? – Vi.	①	②	③	④
2) – Vamos ao teatro? – Sim, não quero ir.	①	②	③	④
3) – Já compraste o presente do Sílvio? – Sim, comprei-o.	①	②	③	④

Figura 4. Exemplo de itens para julgamento.

## 6. Resultados

### 6.1. Teste de completamento de frases

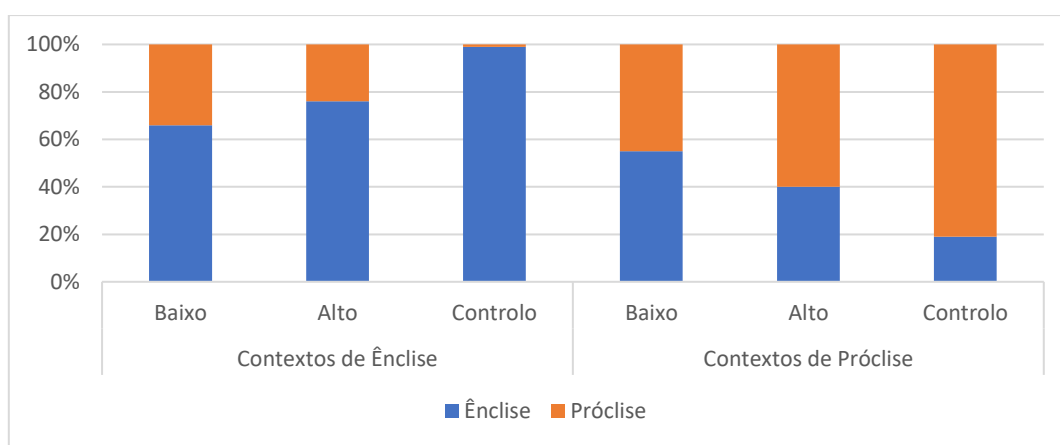


Gráfico 1. Percentagens de colocação do clítico por contexto e grupo.

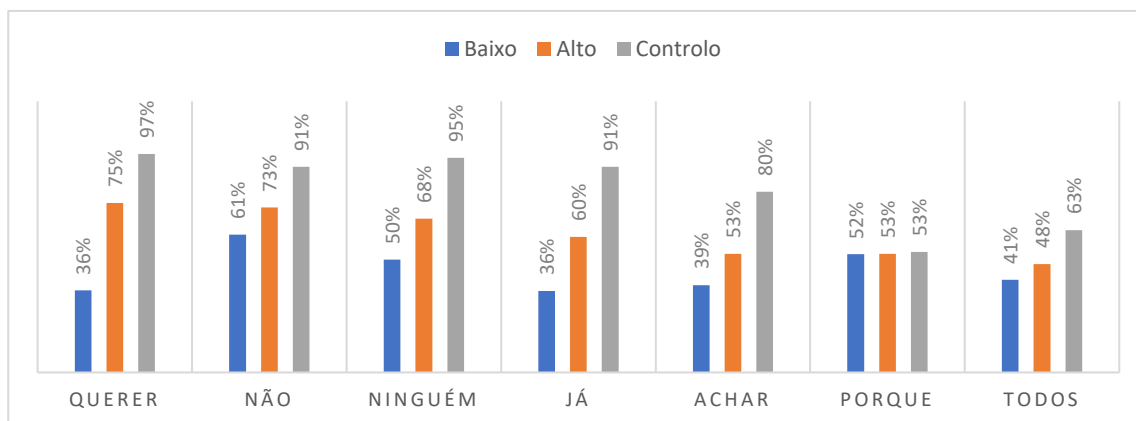


Gráfico 2. Percentagens de respostas alvo por contexto e grupo.

O Gráfico 1 mostra os resultados globais do teste de completamento de frases relativamente ao uso de ênclise ou de próclise. Quanto ao grupo de controlo, o resultado nos contextos de ênclise mostra um desempenho quase categórico (99% de respostas alvo). Os grupos Baixo e Alto tiveram percentagens menores: 66% no grupo Baixo e 76% no grupo Alto. Para a próclise, observaram-se percentagens menores de respostas alvo em todos os grupos, comparativamente à taxa de respostas alvo nos contextos de ênclise.

Os valores variam de 45% no grupo Baixo, passando a 60% no grupo Alto, sendo a taxa do grupo de controlo de 81%.

Ao serem analisados separadamente, os diferentes contextos de próclise não se apresentam de forma homogénea entre os grupos (Gráfico 2). No grupo de controlo, os contextos de orações subordinadas no conjuntivo com o verbo *querer*, sujeito negativo (ninguém), advérbio *já* e negativas são os que apresentam as maiores taxas de respostas alvo (97%, 95%, 91% e 88% respetivamente). O contexto de orações subordinadas no indicativo com o verbo *achar* vem em seguida com 80% de respostas alvo. Por fim, seguem-se os contextos de frases com o quantificador *todos* (63%) e adverbiais com o advérbio *porque* (53%).

No grupo Baixo, a percentagem em frases negativas chega a 61%, seguido por orações adverbiais com “porque” e por frases com o sujeito negativo *ninguém* (52% e 50%, respetivamente). As respostas alvo dos demais contextos ocorrem em taxas abaixo de 40% (subordinadas no indicativo introduzidas pelo verbo *achar* – 39%; subordinadas no conjuntivo introduzidas pelo verbo *querer* – 36%; e frases com o advérbio *já* pré-verbal – 36%), exceto com o sujeito quantificado *todos* (41%).

O grupo Alto apresentou taxas globalmente mais altas do que as do grupo Baixo. Os contextos de próclise com maiores taxas foram os de subordinadas no conjuntivo introduzidas pelo verbo *querer* e os de frases negativas (75% e 73%, respetivamente). Seguem-se nesta escala os contextos de frases com o sujeito negativo *ninguém* (68%), frases com o advérbio *já* pré-verbal (60%), subordinadas no indicativo introduzidas pelo verbo *achar* e adverbiais com *porque* (ambas com 53%) e frases com o sujeito quantificado *todos* (48%).

Para a análise estatística usou-se o programa SPSS (versão 25) para executar um Modelo de Equações Estimativas Generalizadas, sendo a correção da matriz de trabalho não estruturada, os erros padrão robustos e o valor de significância ( $p$ ) estipulado em  $<0,05$ . A análise entre grupos mostrou que são todos diferentes uns dos outros ( $X^2(2) = 139,51$ ,  $p = <0,001$ ), em quaisquer combinações, conforme se vê na Tabela 4:

**Tabela 4: Diferença estatística global entre grupos.**

Grupos		DM	EP	GL	$p$	IC (95%) Mínimo - Máximo	
Baixo	Alto	-0,242	0,085	1	0,013	-0,445	-0,038
Alto	Controlo	-0,264	0,079	1	0,002	-0,453	-0,076
Controlo	Baixo	0,506	0,043	1	$<0,001$	0,402	0,610

DM = diferença média; EP = erro padrão; GL = graus de liberdade; IC = intervalo de confiança.

Na análise dos resultados de cada grupo consoante cada contexto sintático, constatou-se que, à exceção do contexto de adverbiais com *porque*, todas as outras apresentam pelo menos uma diferença entre um par de grupos (Alto e Baixo, Baixo e Controlo, Controlo e Alto). Os contextos de subordinadas (no indicativo e no conjuntivo), de advérbio pré-verbal *já* e de sujeito negativo *ninguém* apresentaram diferença estatística entre todos os pares de grupos. O contexto de frases negativas apresentou diferença entre o grupo de controlo e os grupos Baixo e Alto. Os contextos de sujeito quantificado e de ênclise

mostraram diferença significativa entre o grupo Baixo e o de controlo. A Tabela 5 resume os resultados com diferenças estatísticas.

**Tabela 5: Diferença estatística entre grupos por contexto sintático.**

Grupos	Contextos	DM	EP	GL	p	IC (95%)	
						Mínimo	Máximo
Baixo – Alto	Achar	-0,262	0,980	1	0,021	-0,496	-0,029
	Já	-0,381	0,142	1	0,022	-0,722	-0,401
	Querer	-0,677	0,169	1	<0,001	-1,080	-0,273
	Ninguém	-0,385	0,130	1	0,009	-0,697	-0,074
Baixo – Controlo	Ênclise	0,118	0,048	1	0,040	0,004	0,233
	Achar	-0,552	0,701	1	<0,001	-0,720	-0,384
	Já	-0,820	0,077	1	<0,001	-1,004	-0,636
	Querer	-1,157	0,081	1	<0,001	-1,351	-0,963
	Ninguém	-0,792	0,068	1	<0,001	-0,955	-0,630
	Não	-0,395	0,066	1	<0,001	-0,552	-0,238
	Todos	-0,341	0,096	1	0,001	-0,517	0,083
Alto – Controlo	Não	-0,283	0,113	1	0,036	-0,553	-0,013
	Achar	-0,290	0,093	1	0,006	-0,512	-0,067
	Já	-0,438	0,130	1	0,002	-0,749	-0,127
	Querer	-0,480	0,159	1	0,008	-0,862	-0,099
	Ninguém	-0,407	0,118	1	0,002	-0,690	-0,124

## 6.2. Teste de julgamento de aceitabilidade

Os resultados do grupo de controlo demonstram uma maior aceitabilidade de respostas verbais ( $M = 3,67 - DP = 0,47$ ) e para respostas que envolviam a palavra afirmativa *sim* seguida de um verbo com o objeto direto em forma de clítico ( $M = 3,21 - DP = 0,60$ ). Os participantes rejeitaram as frases com respostas que não condiziam com a pergunta ( $M = 1,15 - DP = 0,33$ ).

Para o grupo Baixo, o contexto mais bem avaliado foi o que envolvia respostas com a palavra afirmativa *sim* ( $M = 3,25 - DP = 0,59$ ). Segue-se o contexto de respostas verbais, com uma média de 3,02 ( $DP = 0,60$ ) e, por fim, o contexto com respostas inapropriadas, com uma média de 1,25 ( $DP = 0,33$ ).

O grupo Alto foi o que proporcionou avaliações mais altas em todos os contextos. O valor mais alto foi obtido com as respostas verbais ( $M = 3,84 - DP = 0,20$ ), seguido de respostas com *sim* ( $M = 3,46 - DP = 0,47$ ) e do contexto com respostas inapropriadas ( $M = 1,36 - DP = 0,36$ ). A Tabela 6 a seguir resume todas as médias:

**Tabela 6: Resultados do teste de aceitabilidade.**

Grupo	Contexto das Respostas		
	Verbais	Sim	Inapropriadas
Baixo	3,02 (DP = 0,60)	3,25 (DP = 0,59)	1,25 (DP = 0,33)
Alto	3,84 (DP = 0,20)	3,46 (DP = 0,47)	1,36 (DP = 0,36)



Controlo	3,67 (DP = 0,47)	3,21 (DP = 0,60)	1,15 (DP = 0,33)
----------	------------------	------------------	------------------

Realizou-se uma análise estatística com o programa SPSS (versão 25) para determinar se há correlação entre as taxas de respostas alvo de ênclise e uma maior aceitação de respostas verbais. A análise global, feita com um teste de Spearman, à partida, não demonstrou nenhuma correlação entre as duas variáveis ( $r(1) = 0,244$ ,  $p = 0,084$ ). No entanto, este valor pode ser considerado marginalmente significativo. Todos os resultados serão discutidos na próxima secção.

## 7. Discussão e conclusão

De acordo com Lardiere (2009), a reconfiguração dos traços é o ponto culminante de um processo iniciado pelo estágio de mapeamento. O aprendente da L2 estabelece uma correspondência entre formas da sua L1 e formas da L2, determinando que estas se caracterizam pelo conjunto de propriedades funcionais da forma presente na sua L1. Tais propriedades podem ser realizadas tanto como material lexical (palavras ou morfemas), quanto por meio da ordem das palavras (Shimanskaya 2015). No entanto, esse processo produz falhas quando (i) os traços estão presentes numa língua e ausentes na outra, ou ainda quando (ii), ainda que presentes em ambas, são expressos de diferentes formas. Assim, é necessário ter lugar o processo de reconfiguração, que ocorre de maneiras distintas consoante a relação de presença-ausência dos traços no par de línguas. No caso de um traço estar presente na L2 e ausente na L1, o aprendente tem de buscá-lo no arcabouço de traços da GU; no contrário, deve “abandonar” o traço quando se expressa na L2. No segundo caso, o aprendente deve construir novas relações entre traços e formas.

No caso dos pronomes clíticos no par de línguas espanhol-PE, vê-se a expressão dos traços por meio do padrão de colocação pronominal, facto que Martins (1994, 2002) sugere ter que ver com a categoria  $\Sigma$ , a qual apresenta traços-V fortes nesta e fracos naquela. Portanto, a tarefa derradeira dos falantes nativos de espanhol e aprendentes de PE, consoante os clíticos, é a de adquirir o traço-V forte da categoria  $\Sigma$ , o que resultaria na colocação pronominal do português.

Durante o mapeamento, é possível que os falantes de nível de proficiência mais baixo correlacionem os clíticos em espanhol com os clíticos em PE – são línguas tipologicamente próximas, com uma morfologia muito similar. Portanto, é de se esperar que os falantes nativos de espanhol relacionem os seus clíticos morfologicamente com os do PE, mas baseados nos padrões sintáticos de colocação do seu idioma materno. Isso significaria que os aprendentes transfeririam as propriedades da categoria  $\Sigma$  para a L2. O resultado seria próclise em todos os contextos, pois os utilizados neste trabalho são contextos de próclise no espanhol.

No entanto, o que se observa vai contra o proposto no parágrafo anterior – há taxas altas de ênclise no grupo Baixo deste estudo em todos os contextos (de ênclise e de próclise – ainda que menores do que as taxas do grupo Alto e do grupo de controlo, o que confirma a Hipótese 1). Isso não refuta de todo a HRT. Não se sabe exatamente em que momento o aprendente “nota” que o mapeamento falhou (dando início à reconfiguração) e quando o aprendente finalmente reconfigura os traços. A HRT está orientada para

afirmar que todos os traços podem ser eventualmente adquiridos a partir do momento em que o contraste é detetado na L2 (Lardiere 2009; Shimanskaya 2015). É possível que os aprendentes possam detetar precocemente a diferença na colocação dos clíticos em espanhol e português: a ênclise é, possivelmente, uma estrutura saliente, pois é agramatical em espanhol nos contextos em questão. Apesar da presença no *input* de ambas as colocações, não significa que os aprendentes efetivamente se apercebam dos contextos em que a próclise é usada. Isso é evidenciado de forma mais marcada pelos resultados do grupo Baixo, com ocorrências mais equilibradas de cada tipo de colocação, independentemente do contexto avaliado.

Considerando o processo de aquisição de clíticos em PE L1, vê-se que é a ênclise que as crianças generalizam nas fases iniciais do desenvolvimento, inclusive com ênclise em contextos de próclise, enquanto a ocorrência de próclise em contextos de ênclise é marginal (Costa *et al.* 2015, 2016). Neste estudo encontram-se não só taxas consideráveis de próclise em contextos de ênclise, mas também menos ênclise em contextos de próclise do que o observado com as crianças no estudo de Costa *et al.* (2015) e nos estudos em aquisição de L2, o que indica que o processo em questão difere quanto ao processo de aquisição dos padrões de colocação em português L1. Ora, a HRT prediz que o ponto de partida da aquisição é a L1 do aprendente. Sendo assim, observam-se indícios de transferência inicial da gramática do espanhol. Porém, como citado anteriormente, o *input* recebido pelos aprendentes apresenta uma evidência clara de ênclise. Isto sugere que o processo de reestruturação da gramática mental dos aprendentes se dá em fases iniciais do processo de aquisição, o que explica a alternância entre as duas possibilidades de colocação, com mais ênclise nos contextos de ênclise do que nos de próclise, e a aquisição gradual dos contextos em que a próclise deve ocorrer.

Portanto, há evidências de transferência dos traços funcionais relevantes para a colocação dos clíticos nos estádios iniciais de aquisição, mas é necessário estabelecer a natureza desse processo. Salienta-se aqui que é provável que os sujeitos que compõem o grupo Baixo desta pesquisa já não estejam no nível inicial de aquisição, pois, pelo método de aferição de nível, o agrupamento não possibilitou uma amostra muito homogénea.<sup>10</sup> Assim, observam-se indícios do estágio de mapeamento (i.e., transferência), mas as suas gramáticas já devem estar em reestruturação.

Quando se comparam os resultados do grupo Alto aos resultados do grupo Baixo, vê-se que as taxas de respostas alvo obtidas são todas superiores. Aliás, a análise estatística demonstrou que o grupo Alto tem um comportamento diferente do grupo Baixo ( $p = 0,013$ ), apesar de ele variar por contextos. Isso demonstra que, ainda que haja variabilidade (reflexo dos diferentes estádios de desenvolvimento individuais), o grupo Alto apresenta produções mais próximas das produções do grupo de controlo, confirmando a Hipótese 2. A aparente reconfiguração dos traços possibilita responder parcialmente de modo afirmativo à Questão 2: há evidências na ênclise, mas não na próclise. Novamente, o facto de os participantes em cada grupo não se apresentarem de

---

<sup>10</sup> Os desvios padrão dos resultados do teste de aferição de nível de ambos os grupos parecem corroborar esta hipótese, ainda que, isoladamente, não sejam indicadores suficientes.

forma homogénea (além do seu número reduzido) relativamente ao seu nível de proficiência pode ter causado interferências nos resultados.

A Hipótese 3 previa uma relação entre a produção alvo em contexto de ênclise e a aceitabilidade de respostas verbais, pois ambas estão relacionadas com os traços-V fortes da categoria  $\Sigma$  (Martins 1994). Porém, não é possível ter conclusões muito fundamentadas. Conforme a Tabela 6, nota-se uma evolução na aceitação do grupo Baixo para o grupo Alto, da mesma forma que as taxas de respostas alvo no contexto de ênclise (vd. Gráfico 1). Contudo, a análise estatística demonstrou uma relação marginal entre a aceitação e a colocação alvo ( $p = 0,084$ ). Por outro lado, por ser pequena a dimensão da amostra, e também baixo era o número de itens de teste para julgamento de aceitabilidade, o método estatístico utilizado não teve um poder de análise muito robusto. Logo, não se pode nem refutar, nem confirmar o proposto por Martins (1994). São necessárias investigações futuras para que se obtenham dados mais contundentes a que se refere a correlação entre a ênclise e as respostas verbais no português.

A última questão de investigação estava relacionada com os contextos de próclise, mais especificamente, se existia um percurso de aquisição deles. Como se pode ver no Gráfico 2, o grupo Baixo apresenta taxas de respostas alvo nos contextos de próclise visivelmente mais baixas do que as do grupo Alto. Naquele grupo, os contextos relativos à negação (frases negativas e sujeito negativo *ninguém*) e contexto de adverbiais causais com *porque* apresentaram-se com taxas superiores às dos outros contextos, de maneira similar ao que ocorre em crianças nativas de PE: os contextos de negativas emergem primeiro, enquanto os de adverbiais causais e de sujeito quantificado surgem mais tardiamente (Costa, Fiéis & Lobo 2015).

Apesar de semelhantes – a tendência mostra-se clara relativamente a uma hierarquia na aquisição – uma comparação *vis-à-vis* dos resultados não é aconselhada, visto que os processos de aquisição de L1 e de L2, apesar de similares, não são idênticos (Ipek 2009). Assim, comparam-se os resultados aos obtidos por Madeira *et al.* (2006), Madeira e Xavier (2009) e Gu (2019). A Tabela 7 compila os dados desses estudos e desta pesquisa por contexto de próclise e níveis de proficiência (ou idade, no caso de Costa *et al.* 2015).

Madeira *et al.* (2006) obtiveram uma sequência de aquisição parecida à deste estudo (apesar de as percentagens terem sido diferentes) (vd. Tabela 7). Notam-se os contextos com interrogativas-qu, com negação e com advérbios pré-verbais no topo da escala. Entretanto, os contextos analisados não foram de todo idênticos. Como mencionado, as autoras consideram contextos com palavras-qu, além de orações infinitivas introduzidas por preposição, as quais não são consideradas neste estudo. Por outro lado, aqui os contextos de orações subordinadas são divididos em subordinadas no indicativo ou no conjuntivo; em Madeira *et al.* (2006) não há essa diferenciação. Outro ponto que dificulta uma comparação *vis-à-vis* entre os estudos é a metodologia empregada, pois Madeira *et al.* (2006) utilizaram um teste de produção induzida. Ademais, os valores da amostra foram baixos (*i.e.*, <10 indivíduos por grupo), o que não é aconselhável em termos estatísticos.

A tendência global mencionada anteriormente repete-se em Madeira e Xavier (2009): os aprendentes de nível elementar durante a produção espontânea colocam o clítico na posição alvo em proporções menores do que os falantes de nível avançado,

sejam eles falantes nativos de línguas românicas ou germânicas (*vd.* Tabela 7). Entretanto, mais uma vez, uma comparação integral dos dois estudos não é possível. Concernente à metodologia, Madeira e Xavier (2009) recolheram os dados de um *corpus* de produção escrita, enquanto este trabalho se apoia em um teste de completamento de frases por seleção de opções – ou seja, os participantes acabam por eleger uma resposta ou outra, sem casos de omissão, a qual foi constatada pelas autoras, por exemplo, no contexto de quantificadores pré-verbais no grupo Avançado de línguas germânicas, em que não se produziu nenhum clítico nesse contexto. Note-se que, novamente, os contextos avaliados não são exatamente os mesmos.

Tabela 7. Percentagens de colocação alvo por diferentes contextos de próclise.

	Este Estudo		Costa et al. (2015)				Madeira et al. (2006)				Madeira e Xavier (2009)				Gu (2019)	
	B	A	5	6	7	R1	R2	G1	G2	IR	AR	IG	AG	≤2	>2	
Negação	61%	68%	61%	88%	84%	83,3%	89%	52%	76%	71%	82%	60%	100%	42%	78%	
Ninguém	50%	68%	48%	69%	71%											
Subordinadas (conjuntivo)	36%	75%	47%	75%	66%											
Interrogativas-qu						75%	92%	56%	61%	100%	93%	33%	90%			
Advérbio “Já”	36%	60%	36%	58%	66%											
Advérbio “Também”														22%	68%	
Advérbios (em geral)						43%	83%	43%	58%	N/A	75%	50%	100%			
Subordinadas (indicativo)	39%	53%														
Subordinadas (em geral)						20%	46%	13%	41%	42%	72%	100%	91%			
Adverbiais Causais	52%	53%	14%	20%	33%									20%	54%	
Infinitivas com preposição						27%	44%	22%	21%							
Quantificador “Todos”	41%	48%	10%	12%	21%									13%	24%	
Quantificadores (em geral)						23%	39%	17%	18%	N/A	100%	N/A	N/A			
Não finitos										N/A	31%	75%	22%			

Nota. As médias foram arredondadas. B = Baixo; A = Alto; 5 = 5 anos de idade; 6 = 6 anos de idade; 7 = 7 anos de idade; R1 = L1 espanhol, italiano, francês com tempo de aprendizagem de 7 meses; R2 = L1 espanhol e italiano com tempo de aprendizagem de 1 a 2 anos; G1 = L1 alemão com tempo de aprendizagem de 2 a 9 meses; G2 = L1 alemão e inglês com tempo de aprendizagem de 1 a 2 anos; I.R = Iniciados Língua Românica; A.R = Avançados Língua Românica; I.G = Iniciados Língua Germânica; M.A = Avançados Língua Germânica; ; ≤2 = igual ou menos de dois anos de estudo; >2 = mais de dois anos de estudo; N/A = não foi produzido nenhum clítico neste contexto.

Ressalta-se que os dois estudos previamente mencionados não foram homogêneos quanto à L1 dos participantes. Neste estudo, houve tal uniformidade, de modo que todos os sujeitos investigados tivessem o espanhol como língua materna. Como mencionado anteriormente, o ponto de partida para a aquisição da L2, segundo a HRT, é a L1. Se os sujeitos participantes nas pesquisas tiverem L1 diferentes, esperam-se percursos de aquisição distintos – o que é perceptível em Madeira e Xavier (2009), mesmo que os grupos só sejam uniformes na tipologia das L1.

Assim, o estudo de Gu (2019) traz dados mais concisos sobre a uniformidade dos falantes investigados: a autora trabalhou com falantes nativos de chinês. Gu (2019), por meio do seu teste de produção induzida, constatou um aumento nas produções alvo de próclise com o aumento do nível de proficiência. Já nos contextos de ênclise, os participantes foram categóricos na colocação enclítica nos contextos que a exigiam, o que não se observou neste estudo (*vd.* Tabela 8). Tal facto pode estar relacionado com o estágio de desenvolvimento pelo qual o grupo de nível de proficiência mais baixo está a passar. Como mencionado anteriormente, as taxas de próclise em contexto de ênclise produzidas pelo grupo Baixo podem ser indícios de transferência inicial da gramática do espanhol. O chinês, por outro lado, possui pronomes fortes e, logo, essa transferência inicial, pelo menos no que tange às propriedades dos clíticos, não teria lugar.

**Tabela 8: Percentagens globais de colocação enclítica e próclítica.**

	Presente Estudo				Gu (2019)			
	B		A		≤2		>2	
	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise	Próclise
Alvo	66%	45%	76%	60%	100%	24,29%	100%	56,25%
Não Alvo	34%	55%	24%	40%	0%	75,71%	0%	43,75%

*Nota.* B = Baixo; A = Alto; ≤2 = dois anos ou menos de estudo; >2 = mais de dois anos de estudo.

Quanto aos diferentes contextos de próclise, vê-se a seguinte sequência de aquisição: primeiramente adquire-se o contexto de frases negativas, em seguida com advérbio pré-verbal *também*, com adverbiais causais com *porque* e por último com sujeito quantificado *todos*. A progressão é idêntica em ambos os grupos avaliados (≤2 anos de estudo e >2 anos de estudo). Comparativamente a este estudo, cujos contextos são em maior número, observa-se a tendência que as frases negativas têm em ocupar posições mais altas, enquanto na ponta inversa estão as adverbiais causais e o sujeito quantificado, como exemplificado pela Tabela 7.

Portanto, vê-se que os contextos relacionados à negação foram adquiridos primeiro, confirmando a hipótese 4, o que possibilita responder parcialmente à questão 3, acerca da existência de uma sequência de desenvolvimento dos diferentes contextos. De acordo com Martins (1994), a ocorrência da próclise deve-se às características da categoria  $\Sigma$ , que possui traços-V fortes. Em frases negativas, há presença de material lexical em  $\Sigma$ , o que impede o movimento do verbo para tal categoria. Com quantificadores ou com certos advérbios pré-verbais, ocorre a instanciação de  $\Sigma$  como F(oco), que não possui traços-V e, portanto, não ocorre o movimento do verbo. Já em orações subordinadas, a fusão da categoria C com  $\Sigma$  forma o núcleo complexo  $[C \Sigma C]$ , que também possui material lexical. Aparentemente a natureza dessas operações interfere nas produções. Pode-se postular

que, para os falantes nativos de espanhol, a próclise em contexto de negativas se consolida mais precocemente porque o traço de negação já existe naquele idioma (ou porque a próclise em frases negativas corresponde a uma configuração estrutural idêntica em PE e em espanhol). A tarefa do aprendente seria de adquirir o traço-V forte para a categoria  $\Sigma$ .

No grupo dos quantificadores e de certos advérbios pré-verbais, é possível que a tarefa envolva também a decodificação de quais quantificadores e de quais advérbios ocorrem em F. Aqui a dependência recai sobre o conhecimento lexical (como apontado por Costa *et al.* 2015) – enquanto, segundo a norma, todas as frases negativas levam à próclise, somente alguns quantificadores e advérbios são responsáveis pela sua ocorrência (Martins 2013).

No caso das subordinadas, teoricamente, o material lexical encontrado no núcleo complexo  $[C \Sigma C]$  deveria ser o bastante para que não houvesse movimento do verbo para  $\Sigma$  e a próclise derivasse. Contudo, veem-se comportamentos distintos de acordo com o modo verbal das orações subordinadas e também com a conjunção introdutora da oração, ocorrendo a próclise em maiores taxas no modo conjuntivo do que no indicativo, do mesmo modo que subordinadas introduzidas por *que* possuem maiores taxas do que as introduzidas por *porque* (ainda que neste trabalho tenha havido mais próclise com *porque* do que com subordinadas no indicativo introduzidas pelo verbo *achar* no grupo Baixo). Isto pode ter que ver com o *input* recebido pelos falantes. Como visto anteriormente, existe variabilidade nos contextos de próclise entre adultos. Portanto, é exetável que as formas que ocorram mais consistentemente no sistema sejam adquiridas primeiro, enquanto aquelas que apresentam maior variabilidade tendam a ter uma evolução mais lenta. Esse movimento é visível: as taxas mais altas de próclise no grupo Alto coincidem, em geral, com as taxas mais altas do grupo de controlo. Sob a perspetiva da HRT, isso implica estar em um ambiente que forneça um maior *input* aos aprendentes, de modo que a reconfiguração dos traços tenha dados mais robustos para ocorrer consistentemente.<sup>11</sup>

Outro ponto a ser levado em consideração é o conhecimento metalinguístico dos participantes. Os estudos de aquisição de clíticos em PE L2 supramencionados utilizaram aprendentes formais de português e a colocação pronominal é um dos tópicos ensinados em sala de aula (Costa 2018). Isso não deve ser ignorado. Por exemplo, durante um ensaio de aplicação do teste com falantes de PE L2 cujas L1 não eram o espanhol, um dos participantes disse lembrar-se de que a próclise era utilizada em frases negativas ou que continham palavras-qu – dois contextos com altas taxas de produção nos estudos mencionados anteriormente. Logo, os participantes podem ter feito uso desse conhecimento para produzir respostas alvo, principalmente no corpus de Madeira e Xavier (2009), por terem sido obtidas produções escritas. No presente estudo, apenas quatro sujeitos mencionaram ter tido alguma vez aulas de português, pelo que os efeitos do conhecimento metalinguístico devem ter sido minimizados e a aquisição deu-se num ambiente naturalístico.

---

<sup>11</sup> Um parecerista anónimo comenta que, no caso das subordinadas, é provável que traços relacionados ao modo verbal também tenham um papel no padrão de colocação dos clíticos no PE, visto que a variação na colocação em subordinadas é mais comum quando o verbo está no indicativo. Neste sentido, a tarefa envolveria a aquisição de mais traços além dos traços-V, sendo, portanto, um ponto que pode ser abordado em investigações futuras.

Apesar da variedade de dados, os resultados obtidos durante esta pesquisa e pelos estudos prévios não surpreendem. A HRT prevê que os falantes tracem trajetórias de aquisição diferentes, visto que a disponibilidade de traços consoante a L1 do aprendente é diferente dos traços existentes no português. Os trabalhos aqui revistos trouxeram amostras com diferentes L1. Gu (2019), no entanto, trabalhou somente com falantes de chinês. Não obstante, apenas uma parte dos contextos analisados pela autora coincidiram com aqueles analisados neste estudo, o que dificulta uma comparação mais precisa. Ainda, sob a luz da HRT, para que a análise fosse mais robusta, seria necessária a descrição dos traços existentes no chinês de modo que se estabelecessem hipóteses em relação aos estádios de mapeamento e de reconfiguração dos traços.

O processo de aquisição de L2 é complexo e envolve diversas variáveis como o nível de desenvolvimento individual, a qualidade do *input* e as propriedades gramaticais das L1 dos aprendentes. Em síntese, a HRT proposta por Lardiere (2009) mostrou indícios de ser válida relativamente à aquisição dos padrões de colocação dos pronomes clíticos do PE por falantes de espanhol L1. Isso é evidenciado pelos sinais de transferência inicial, ainda que parcial, da gramática do espanhol e pelo movimento em direção à produção do grupo de controlo quando se comparam os resultados do grupo Baixo com o do grupo Alto. Contudo, a forma de organização dos participantes nos grupos supramencionados não foi ideal, o que dificulta uma análise mais precisa do fenómeno. Portanto, investigações futuras devem ser conduzidas de modo que se comprove a natureza dessa reconfiguração, seja ela associada aos traços da categoria funcional  $\Sigma$ , como proposto por Martins (1994), ou associada a outro traço disponível no português.

**Agradecimentos:** Agradece-se à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Madeira do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) pelo auxílio em todas as etapas da realização deste estudo, à Dr<sup>a</sup> Luísa Pilz do Laboratório de Cronobiologia e Sono do Hospital de Clínicas de Porto Alegre pelo auxílio na realização dos testes estatísticos e aos revisores anónimos, cujas sugestões permitiram aperfeiçoar este artigo. Agradece-se também a todos os participantes pela sua disponibilidade em participar no estudo.

## Referências

- Costa, A. (2018). Variação linguística e ensino de Português, Língua Não Materna: O caso dos pronomes átonos. *Medi@ções, Revista OnLine*, 6(1), pp. 147–161.
- Costa, J. & Lobo, M. (2007). Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijkoningen, & M. Pinto (Eds.), *Romance languages and linguistic theory 2005* (pp. 59–72). Amsterdam: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cilt.291.06cos>
- Costa, J. & Lobo, M. (2009). Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In A. Pires, & J. Rothman (Eds.), *Minimalist inquiries into child language acquisition. Case studies across Portuguese* (pp. 63–84). Berlin/Nova Iorque: Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110215359.1.63>
- Costa, J., Fiéis, A. & Lobo, M. (2015). Input variability and late acquisition: Clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua*, 161, pp. 10–26. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2014.05.009>



- Costa, J., Fiéis, A. & Lobo, M. (2016). A aquisição dos pronomes clíticos no português L1. In A. M. Martins, & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 365–386). Berlin: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110368840-018>
- Duarte, I. (2003). Padrões de colocação dos pronomes clíticos. In M. H. M. Mateus *et al.* (Eds.), *Gramática da língua portuguesa* (pp. 847–867). Lisboa: Caminho.
- Gu, W. (2019). Aquisição de pronomes clíticos de português europeu por falantes de chinês: Dados sobre a colocação. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 5. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a14>
- Ipek, H. (2009). Comparing and constrasting first and second language acquisition: Implication for language teachers. *English Language Teaching*, 2(2), pp. 155–163. <https://doi.org/10.5539/elt.v2n2p155>
- Klee, C. A. (1990). Spanish-Quechua language contact: The clitic pronoun system in Andean Spanish. *Word*, 41(1), pp. 35–46. <https://doi.org/10.1080/00437956.1990.11435812>
- Laka, I. (1990). *Negation in syntax. On the nature of functional categories and projections* (Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge).
- Lardiere, D. (2009). Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. *Second Language Research*, 25, pp. 173–227. <https://doi.org/10.1177/0267658308100283>
- Madeira, A. M. & Xavier, M. F. (2009). The acquisition of clitic pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires, & J. Rothman (Eds.), *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition* (pp. 273–299). Berlin/New York: Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110215359.2.273>
- Madeira, A. M., Crispim, M. L. & Xavier, M. F. (2006). Clítico pronominal em português L2. In J. Barbosa & F. Oliveira (Orgs.), *APL - Textos selecionados. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 495–510. Lisboa: Colibri.
- Martins, A. M. (1994). Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus*, 6, 173–206. <https://doi.org/10.1515/prbs.1994.6.2-3.173>
- Martins, A. M. (2002). Tipologia e mudança linguísticas: os pronomes pessoais do português e do espanhol. In E. Raposo, & H. Sharrer (Eds.), *Santa Barbara Portuguese studies VII* (pp. 340–386).
- Martins, A. M. (2013). A posição dos pronomes pessoais clíticos. In E. P. Raposo, M. F. Bacelar, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do português* (pp. 2231–2302). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, A. M. (2016). A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. Em A. M. Martins, & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 401–430). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Santos, M. F. (2002). *Os pronomes pessoais átonos no português europeu. Descrição de problemas que ocorrem no 3º ciclo e proposta de actividades didáticas* (Dissertação de Mestrado, FLUL, Lisboa).
- Shimanskaya, E. M. (2015). *Feature reassembly of semantic and morphosyntactic pronominal features in L2 acquisition* (Tese de Doutoramento, Universidade de Iowa, Iowa).
- Shimanskaya, E. & Slabakova, R. (2015). Re-assembling objects: A new look at the L2 acquisition of pronominal clitics. *Bilingualism: Language and Cognition*, 20(3), 1–18. <https://doi.org/10.1017/S1366728915000784>
- Soriano, O. F. (2015). Clíticos. In J. Gutiérrez-Rexach (Ed.), *Enciclopedia de lingüística hispánica* (pp. 423–436). Londres: Routledge.

[recebido em 15 de março de 2021 e aceite para publicação em 27 de fevereiro de 2022]